INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. TCD00017

DICIONARIZAÇÃO DAS FORMAS EM TIKUNA

por

Marília Lopes da Costa Facó Soares

Museu Nacional/U.F.R.J.

Departamento de Antropologia

1º semestre de 1988

Acervo ISA

SUMÁRIO

1 - Apresentação

2 - Dicionários: concepções e utilizações

3 - Uma proposta de dicionarização

4 - Proposta de atividades (2º semestre de 1988/1º semestre de 1989)

5 - Notas

6 - Bibliografia

Acervo ISA

1 - Apresentação

Trazemos aqui uma proposta de dicionarização para as formas da língua Tikuna, uma língua tida como geneticamente isolada e falada por uma ampla população que habita, além de uma área situada fora do brasil (no Peru e na Colômbia), uma grande área do Alto Solimões que abrange oito municípios do estado do Amazonas (Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Iça, Tonantins e Beruri). Os Tikunas estão distribuídos por 69 comunidades e o seu número total se situa acima de 20.000 pessoas.

A proposta apresentada é precedida de um painel que abrange dicionários de língua materna e dicionários bilíngues que envolvem as chamadas línguas ocidentais, além de dicionários voltados para línguas indígenas brasileiras. O propósito de construir um painel se deveu à necessidade de inserir a proposta apresentada em um quadro mais amplo, de modo que pudessem ser melhor avaliados o alcance da própria proposta e a contribuição que a sua concretização traria.

Ao longo de todo o texto, três palavras surgem como sendo de importância capital para o seu entendimento: léxico, dicionário e dicionarização. A primeira diz respeito ao conhecimento internalizado que os falantes têm do mundo de palavras constituído em sua própria língua, isto é, conhecimento que engloba as palavras da língua, as suas diferentes acepções, a regularidade que a elas subjaz, os seus diferentes usos, as suas possibilidades de emprego sintático, as correspondências esta-

Acervo ISA

belecidas entre elas. A segunda palavra, dicionário, está diretamente ligada à existência de uma peça material, que, dependendo da maneira como é construída, pode refletir aspectos do léxico. A última das palavras, dicionarização, serviu-nos para operar um deslocamento: a ênfase que normalmente recairia sobre o dicionário enquanto peça material passa a recobrir o próprio processo que deve culminar na elaboração de um dicionário. O processo, a peça material a ser produzida e o que ela irá refletir constituem um tema ainda não desenvolvido em projetos de lingüística voltados para línguas indígenas brasileiras, e é da importância desse tema que, no fundo, vamos falar no projeto que se segue.

Acervo ISA

2 - Dicionários: concepções e utilizações

Para as línguas ocidentais, é possível delinear um tipo de dicionário no qual dicionários concretos se encontram ancorados. Nesse tipo de dicionário - dicionário virtual - estão presentes as referências às categorias lexicais, o registro, se necessário, da pronúncia dos vocábulos ou de segmentos deles, a predilação pela etimologia, o cuidado com a sinonímia, a antonímia, a homonímia, a paronímia, a polissemia. Integram também esse tipo de dicionário critérios que, apoiados nas categorias lexicais ou ainda na distinção entre homonímia e polissemia, permitem o tratamento da fraseologia, fornecem a indicação para a entrada de um determinado vocábulo e a sua conseqüente definição, além de servirem ao estabelecimento de diretrizes para a constituição dos próprios verbetes.[1]

Aliada às características acima, há no dicionário - tipo a previsão da necessidade de consiguar novas acepções, isto é, de abonar palavras. Tal necessidade leva a uma abertura no campo da criatividade lingüística:

> "Quando se pensa em abonar palavras para um léxico, observa-se - como se deu agora com o A. - o mundo de vocábulos e, sobretudo, de significados, vivos de um século, de séculos, e esquecidos dos lexicógrafos, que, ao longo do tempo (com exceções, é claro), foram fazendo pouco mais do que mutuamente se copiarem (o que às vezes é inevitável), com, aqui e ali, algum retoque na cópia, e mais umas tantas palavras ou acepções, que estão entrando pelos olhos."[2]

A criatividade lingüística, a ser levada em conta no dicio

Acervo ISA

nário - tipo, coloca, por sua vez, o problema da riqueza e, ao mesmo tempo, da seleção das fontes. As fontes, devido ao progresso das ciências, ao avanço tecnológico, passam a ser aquelas capazes de situar o falante em determinados espaços e, sobretudo, no seu tempo. Assim é que consideram-se como fontes, para o dicionário - tipo, não só a língua dos escritores (clássicos e modernos), mas também a dos meios de comunicação de massa (a língua dos jornais, revistas, rádio e televisão), os falares regionais, o linguajar de diferentes categorias profissionais e de diferentes camadas da população, os usos lingüísticos presentes nas manifestações da arte que não estão centradas apenas na palavra escrita (teatro, texto das canções populares...), o vocabulário relativo às ciências, aos esportes, o vocabulário resultante da influência de línguas estrangeiras. Considera-se, enfim, como fonte para um dicionário - tipo, todo veículo em que estejam presentes usos lingüísticos capazes de dar ao consultor de um dicionário o acesso à modernidade e a possibilidade de informação quanto às variantes existentes em sua língua materna.

Com relação ao tratamento das fontes nos dicionários concretos, a questão da riqueza e, ao mesmo tempo, a da seleção levadas em conta no dicionário - tipo em função da criatividade lingüística impõem para aqueles, durante a sua elaboração, um trabalho de equipe, no qual se conta com um bom número de especialistas em diferentes domínios para lidar com a diversidade de acepções assumidas pelos vocábulos e com a inclusão de novos vocábulos no dicionário que estiver sendo elaborado. E, uma

Acervo ISA

vez levantado o conjunto das acepções e exemplos respeitantes a um vocábulo, torna-se necessária uma uniformização de verbetes, uniformização recomendada para um dicionário - tipo e encontrada nos chamados bons dicionários de língua materna.

A possibilidade de delineamento de um dicionário - tipo para as línguas ocidentais não é fruto do acaso. Ela é resultado de uma tradição de lexicografia, tradição que se desenvolveu junto às Academias, às quais cabia selecionar e autorizar usos lingüísticos e que, nesse processo de seleção e autorização, acabaram por se influenciarem umas às outras. Um exemplo da concepção de dicionário há muito difundida por Academias pode ser encontrada no Diccionario de la lengua castellana, editado pela Real Académia Española no ano de 1726[3]:

> "Diccionario de la lengua castellana, en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua...
> El principal fin, que tuvo la Real Academia Española para su formación, fué hacer un Diccionario copioso y exacto, en que se viesse la grandeza y poder de la Lengua, la hermosúra y fecundidád de sus voces, y que ninguna otra la excede en elegancia, phrases, y pureza...
> Y no le llama Vocabulario, porque en la Léngua Española se entienden comumente por Vocabularios los libros en que se expressan las voces, sin explicarlas, ni adornalas con etimologías y phrases que se vuelven en otra Léngua, como Latina, Francesa, ò Toscana, y por Diccionarios se entienden los libros, dondo no solo se vierten en otra Léngua los vocablos, sino que se explica su naturaleza, y el sentído de las phrases, quando la voz se junta con otra, ù otras: y siendo de esta idéa el actual, ha parecido à la Académia con este fundamento llamar-le Diccionario, no pudiendose dudar de esta

Acervo ISA

> común aprehensión en las voces Diccionario, y Vocabulario, aun que en la realidad parezcan à primera luz synónymas, como lo son sus raíces Dicción, y Vocablo...
>
> De las voces próprias pertenecientes à Artes liberales y mechánicas ha discurrido la Académia hacer um Diccionario separado, quando este se haya concluído: por cuya razón se ponen solo las que han parecido mas comúnes y precisas al uso, y que se podían echar menos...
>
> En el cuerpo de esta obra, y en el lugar que les corresponden, se ponen várias voces peculiares y próprias, que se usan freqüentemente en algunas províncias y réinos de España, como en Aragón, Andulacía, Astúrias, Murcía, & c. aunque no son comúnes en Castilla, y en las de Aragón se omiten las que vienen de la Léngua Lemosina, y no están autorizadas con los Fueros, Leyes, y Ordenanzas de aquel réino..."

Nos dicionários de língua estrangeira e somente naqueles em que as línguas envolvidas são ainda as línguas ocidentais, as características delineadas para um dicionário - tipo de língua materna não são todas mantidas. Em primeiro lugar, não se pode dizer que haja nos dicionários bilíngues uma preocupação básica com a etimologia. Também neles há uma restrição em termos das fontes, já que não se está diante da necessidade de abonar palavras e, conseqüentemente, de trabalhar a fundo a criatividade lingüística. Permanecem, no entanto, o registro da pronúncia, o cuidado com a sinonímia, a consideração das categorias lexicais, o tratamento da fraseologia, a distinção entre homonímia e polissemia, a necessidade de uniformização dos verbetes.

A ausência de uma preocupação básica com a etimologia e a

Acervo ISA

restrição no número de fontes consideradas explicam-se através do que são agora as necessidades do consultor do dicionário, que são as do entendimento e manipulação de códigos, devendo o dicionário ser útil ao estudante, ao professor, ao tradutor. Essencialmente, não está mais em causa a inserção do consultor em determinados espaços configurados através de certos usos lingüísticos, e sim a garantia de aproximação de significados entre vocábulos de línguas diferentes: uma vez dado um vocábulo, locução ou expressão idiomática em uma variante prestigiada de uma das línguas, encontra-se, em uma variante prestigiada da outra língua em foco, um vocábulo ou série de vocábulos de significado aproximado. É a garantia da legibilidade entre variantes prestigiadas de duas línguas o que está em causa, adquirindo a presença de uma outra variante um caráter secundário dentro desse tipo de dicionário. Com isso, as fontes se tornam restritas e o mundo da modernidade, do qual elas são a materialização, sofre também uma limitação.

A distinção entre homonímia e polissemia subsiste porque elas estão na base da opção pelo número de entradas que pode ter um dado vocábulo. As categorias lexicais continuam nos verbetes e, além disso, fundamentam o tratamento da fraseologia. Quanto ao registro da pronúncia, esse é comumente feito de maneira mais acurada do que nos dicionários de língua materna, chegando mesmo a haver transcrição fonética das entradas tomando-se como referencial o Alfabeto Fonético Internacional.

Por fim, no que diz respeito ao tratamento dos verbetes, a organização neles encontrada - embora não se possa desligá-la das necessidades assumidas em nome do consultor de um dicioná -

Acervo ISA

rio bilíngüe - busca o seu modelo no dicionário - tipo de língua materna. E esse fato não chega a surpreender. Já foi dito que nos dicionários bilíngues está em jogo a questão da garantia da legibilidade entre variantes prestigiadas de duas línguas, o que leva a uma restrição em termos das fontes utilizadas. Como não se vai lidar precipuamente com a criatividade lingüística, as fontes, em um dicionário bilíngüe, terminam por ser aquelas constituídas por dicionários de língua materna. Cotejam-se dicionários das línguas maternas em foco, retira-se deles o necessário para o dicionário bilíngüe e chega-se à legibilidade entre variantes prestigiadas de duas línguas. Disso há muitos exemplos, dentre os quais o que se segue:

> "The whole first English - Portuguese part, entries and phraseology, was inverted and shifted. A great many dictionaries and specialized works were constantly consulted, particularly the following: Novo Dicionário Brasileiro (Edições Melhoramentos), Caldas Aulete, Laudelino Freire, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Cassell's New English Dictionary and Webster's New International Dictionary."[4]

O ato de cotejar dicionários de língua materna para a confecção de dicionários bilíngües termina por fazer com que esses últimos tenham como modelo o dicionário - tipo de língua materna. Os verbetes dos dicionários bilíngües contêm em comum com o dicionário - tipo de língua materna: a entrada, a categoria lexical, frases, locuções, expressões idiomáticas; algumas informações sobre flexão nominal e/ou verbal, a pronúncia; sinônimos são justapostos, acepções diferentes de um vocábulo são separadas uma das outras por algarismos. E, se o verbete preco

Acervo ISA

nizado para um dicionário de língua materna é mais rico, isso se deve às concepções que a ele subjazem e que o separam dos dicionários bilíngües. Esses, carregando de saída uma limitação, terminam por se mover em âmbito mais restrito do que aquele que lhe fornece o modelo. Resta, por fim, notar que tal restrição de âmbito vem ao encontro de outras restrições já apontadas - restrição das fontes, restrição quanto à criatividade lingüística.

Se os dicionários bilíngües de línguas ocidentais encontram no dicionário - tipo de língua materna um modelo que termina por ser concretizado de maneira mais restrita, o mesmo não se pode dizer dos dicionários bilíngües que envolvem línguas indígenas. Esses são o resultado de outras concepções, que freqüentemente os afasta dos demais dicionários bilíngües.

No que diz respeito às línguas indígenas brasileiras, o objetivo principal é a ajuda a um conjunto especial de usuários, os índios:

> "Este dicionário foi idealizado com o objetivo fundamental de proporcionar, aos índios Kaingáng, maior ajuda aos seus esforços na aprendizagem da língua portuguesa..."[5]

> "Este dicionário foi elaborado tendo-se em mente as necessidades dos índios Karitiana e o desejo que estes possuem de comunicar-se com a sociedade envolvente..."[6]

> "... quis... escrever o resultado da elaboração dos dados recolhidos sobre o universo temático Yãnomamè para... devolver aos Yanomami seus conhecimentos, por mim apenas sistematizados, no intuito de auxiliá-los na tomada de consciência, afirmação e defesa de sua identidade étnica... Só a coesão étnica e a autodeterminação lhes permitirão entrar em contato com os brancos sem desaparecer física e culturalmente."[7]

Acervo ISA

Simultaneamente, ao objetivo principal conjugam-se objetivos paralelos. O propósito de ajuda aos índios é acompanhado pelos propósitos de realização de um trabalho que seja útil àqueles que, por necessidade profissional, curiosidade intelectual e/ou engajamento na causa indígena entrem em contato com povos indígenas. Assim, não é raro ver expressos pelo autor os desejos de que o dicionário seja útil àqueles que queiram aprender a língua x, de que o dicionário também tenha utilidade para o cientista, quando esse estiver procurando cognatos ou derivados em outras línguas, de que ele tenha utilidade para os membros da FUNAI, para os estudantes de lingüística e antropologia, para as pessoas simples, leigas, não-lingüistas.

Mais uma característica desses dicionários é que eles não estão inseridos em uma determinada tradição de lexicografia. Além disso, são o resultado de um esforço pessoal: ora esse esforço é do lingüista que, tendo realizado durante alguns anos pesquisa em determinado grupo indígena, apresenta um trabalho - o dicionário - baseado em uma análise fonológica e gramatical prévia da língua estudada; ora o esforço vem de alguém, missionário ou não, situado fora da lingüística, que sistematiza o conhecimento adquirido, fazendo parte dessa sistematização o dicionário.

Como a realização do dicionário cabe a alguém que não pertence ao conjunto daqueles que são considerados os seus principais usuários, compete a esse alguém decidir não só sobre o conteúdo e a organização do dicionário, mas também sobre o que é um dicionário. A participação indígena é raramente nomeada, e,

Acervo ISA

quando nomeada, não é discriminada. Comumente, ela é vista à distância, sendo mesmo pressuposta, fato às vezes explicitado,

> "Supõe-se que todos os Karitiâna contribuiram, de uma maneira ou de outra, para a realização desse dicionário..."[8]

fato às vezes presumidamente indireto:

> "...Não foi incluída a maioria dos nomes de plantas e animais peculiares a cada região, uma vez que o Dicionário objetiva ser usado, principalmente, pelos índios Kaingáng que estão aprendendo a língua portuguesa, assim, esses elementos foram omitidos como sendo de somenos importância.
> Pelo mesmo motivo, as categorias gramaticais não foram relacionadas junto a cada vocábulo, embora apareçam no Apêndice, o qual ainda contém uma dissertação aplicável a todos os dialetos, sobre as variações alomórficas dos verbos, e sobre o uso dos substantivos e descritivos apenas no dialeto do Paraná."[9]

Um parêntesis se faz aqui necessário. As características apontadas não deixam de ser encontradas nos dicionários mais antigos de língua indígena e/ou que envolvem língua indígena morta. Apenas há a ressalva de que nesses últimos os índios estão, de saída, ausentes. Os usuários são os leitores comuns, pessoas letradas, não necessariamente lingüistas, às quais é de interesse o conhecimento de uma língua indígena, sobretudo se essa língua possui uma estreita relação com a história do país - como é o caso do tupinambá, do guarani, do nheengatú.[10] Para tais usuários, torna-se conveniente a utilização, no dicionário, de uma nomenclatura gramatical com que esses estejam familiarizados, qual seja a nomenclatura em que se apóiam os estu-

Acervo ISA

dos de línguas indo-européias. Acompanhando a utilização dessa nomenclatura gramatical, existe a decomposição morfológia e semântica dos vocábulos - tida como importante para quem começa a estudar.

Evidencia-se, para as línguas indígenas, pelo que se viu até aqui, uma íntima relação entre a concepção que se tem do usuário e a configuração que deve assumir o dicionário. Isso está claro para os dicionários mais antigos de língua indígena e/ou que envolvem língua indígena morta. E não está menos claro para os demais dicionários que envolvem línguas indígenas. A participação indígena, quando inexistente, dá lugar a um dicionário voltado para os interesses de estudiosos, pessoas comuns, porém letradas, que conhecem uma dada nomenclatura gramatical e dela podem se valer para penetrar um outro mundo lingüístico e estabelecer uma ponte entre esse mundo e o mundo de sua própria língua. A participação indígena, quando pressuposta - os índios são os fornecedores dos dados -,dá lugar a variações na forma do dicionário, na seleção dos vocábulos, na escolha das entradas, na constituição dos verbetes.

Forma do dicionário. O dicionário pode ser visto como o local onde devam estar contidos vocábulos e expressões da língua, indo quase sempre para um outro local, habitualmente rotulado de Apêndice, as informações consideradas relevantes sobre a gramática, a fonologia e mesmo sobre a variação dialetal observada em uma língua. Informações sobre a ortografia utilizada e a chave de pronúncia também podem integrar o Apêndice. O dicionário pode igualmente ser visto não só como o local onde

Acervo ISA

estão vocábulos e expressões da língua, mas também onde haja uma classificação de vocábulos e expressões, permanecendo, no entanto, em local à parte, as informações consideradas adicionais. O dicionário pode ainda ser considerado como o local onde estão vocábulos e expressões de língua, havendo exemplos de usos desses vocábulos e expressões acompanhados de tradução literal, informações sobre aspectos gramaticais e eventualmente sobre variação dialetal; considerações adicionais - que incluem agora a relação entre pronúncia e ortografia - ficam em local à parte.

Ao lado do dicionário, coloca-se algumas vezes como necessária a existência de um léxico, concebido como agrupamento de vocábulos e expressões por tópicos afins, o que deve propiciar "maior conexão lógica com a realidade"[11], além de permitir o descobrimento de palavras esquecidas, de facilitar estudos comparativos (considerados como busca de cognatos) e o trabalho de tradução. Os chamados tópicos afins são concebidos de fora da realidade do grupo cuja língua é objeto do léxico, sendo aplicável a diferentes línguas. Transcrevemos abaixo lista de tópicos que dá lugar ao léxico em questão[12]:

A MUNDO FÍSICO

A 1 COMPONENTES

A 1.1 Terra

A 1.1.1 Solo e minerais

A 1.1.2 Topografia natural

A 1.2 Céu

A 1.2.1 Céu e corpos celestes

Acervo ISA

A 1.2.2 Chuva e outros fenômenos

A 1.2.3 Tempo quente e frio.

A 1.2.4 Estações

A 1.3 Fogo

A 1.4 Água

A 1.4.1 Fontes d'água

A 1.4.2 Seco e molhados

A 2 ANIMAIS

A 2.1 Mamíferos

A 2.1.2 Partes do corpo

A 2.1.3 Atividades específicas

A 2.2 Aves

A 2.2.1 Nomes de aves

A 2.2.2 Partes do corpo

A 2.2.3 Atividades específicas

A 2.3 Répteis e anfíbios

A 2.3.1 Nomes de anfíbios e répteis

A 2.3.2 Partes do corpo

A 2.3.3 Atividades específicas

A 2.4 Peixes

A 2.4.1 Nomes de peixes

A 2.4.2 Partes do corpo

A 2.4.3 Atividades específicas

A 2.5 Insetos

A 2.5.1 Nomes de insetos

A.2.5.2 Partes do corpo

A 2.5.3 Atividades específicas

Acervo ISA

A 2.6 Crustáceos e animais inferiores

A 2.6.1 Nomes de crustáceos, etc.

A 2.6.2 Partes do corpo

A 2.6.3 Atividades específicas

A 2.7 Animais domésticos

A 2.7.1 Nomes de animais domésticos

A 2.7.2 Partes do corpo

A 2.7.3 Funções específicas

A 3 VEGETAÇÃO

A 3.1 Árvores

A 3.1.1 Nomes de árvores

A 3.1.2 Partes

A 3.1.3 Funções específicas

A 3.2 Plantas, arbustos etc.

A 3.2.1 Nomes

A 3.2.2 Partes

A 3.2.3 Funções específicas

A 3.3 Plantas cultivadas

A 3.3.1 Nomes

A 3.3.2 Partes

A 3.3.3 Funções específicas

B SERES HUMANOS

B 1 PARTES DO CORPO HUMANO

B 1.1 Cabeça e pescoço

B 1.2 Tórax e abdômen

B 1.3 Braços e pernas

Acervo ISA

B 1.4 Partes não-localizadas

B 2 NECESSIDADES FÍSICAS

B 2.1 Fome e sede, alimentação

B 2.2 Excreção

B 2.3 Respiração

B 2.4 Sono

B 3 CICLO DA VIDA

B 3.1 Relações sexuais

B 3.2 Gravidez e parto

B 3.3 Juventude e idade adulta

B 3.4 Morte

B 4 DOENÇAS E TRATAMENTO

B 4.1 Doenças

B 4.2 Feridas

B 4.3 Tratamento

B 5 OS CINCO SENTIDOS

B 5.1 Visão e percepções visuais

B 5.2 Audição e sons

B 5.3 Olfato e odores

B 5.4 Gosto e sabores

B 5.5 Tato e sensações táteis

C SERES HUMANOS - ATIVIDADES DIÁRIAS

C 1 COMIDA

C 1.1 Caça e pesca

C 1.2 Agricultura

Acervo ISA

C 1.3 Preparo de alimentos

C 2 HABITAÇÃO

C 2.1 Construção e partes da casa

C 3 ARTIGOS DOMÉSTICOS

C 3.1 Móveis e artigos de cama

C 3.2 Utensílios e recipientes

C 3.3 Armas e ferramentas

C 3.4 Corte

C 3.5 Outros artigos

C 4 VESTUÁRIO

C 4.1 Vestes

C 4.2 Costura

C 4.3 Adornos

C 5 LIMPEZA

C 5.1 Corpo e roupas

C 5.2 Utensílios e terreno

C 6 LOCOMOÇÃO

C 6.1 Viagem

C 6.2 Destino e localização

C 6.3 Veículos

C 6.4 Transferência de objetos

C 7 DIVERTIMENTOS

C 7.1 Música e recreação

Acervo ISA

C 8 POSSE, LIBERAÇÃO E COMÉRCIO

D SERES HUMANOS - RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUOS

D 1 CLASSIFICAÇÃO DO SER HUMANO

D 1.1 Origem étnica ou local

D 1.2 Idade, sexo ou status

D 1.3 Parentesco

D 1.4 Gostar ou não

D 1.5 Nomes pessoais

D 1.6 Pronomes pessoais e demonstrativos

D 2 COMUNICAÇÃO

D 2.1 Não-verbal

D 2.2 Maneira de falar

D 2.3 Saudações

D 2.4 Perguntas

D 2.5 Interjeições

D 2.6 Grau de dúvida

D 2.7 Postura

D 2.8 Conjunções

D 2.9 Outras partículas gramaticais

E SERES HUMANOS - ATIVIDADE PSÍQUICAS E RELIGIOSAS

E 1 ATIVIDADES MENTAIS

E 1.1 Obter e esquecer informações

E 1.2 Plano e desejo

E 2 EMOÇÃO

E 2.1 Alegria e tristeza

Acervo ISA

E 2.2 Medo e hostilidade

E 2.3 Vergonha

E 3 DIMENSÃO E AVALIAÇÃO

E 3.1 Quantidade, específica e aproximada

E 3.2 Tamanho

E 3.3 Qualidade

E 3.4 Relação entre posições

E 4 RELIGIÃO

E 4.1 Objetos, atividades, pessoas

E 4.2 Seres sobrenaturais e heróis lendários

Seleção dos vocábulos. Nem sempre a seleção é explicitada. Quando o é, deixa entrever o ponto de vista do realizador. Detecta-se uma valorização do português em face de língua indígena,

> "Nenhuma atenção especial foi dada para garantir que todos os vocábulos da parte Kaingáng-Português fossem incluídos na parte Português-Kaingáng. Muito ao contrário, palavras consideradas importantes somente do ponto de vista Kaingáng, foram deixadas de lado na parte Português-Kaingáng ou vice-versa."13

e, da mesma forma, é possível encontrar um cuidado em não se deixar de fora do dicionário vocábulos pertencentes a variante do português utilizada pelos regionais, como ocorre em Betts (1981),

> "Na parte do português do dicionário foram empregados alguns regionalismos em uso na Amazônia."

É possível encontrar ainda a afirmação de que no dicionário realizado levou-se em conta a variação dialetal existente na lín-

Acervo ISA

gua indígena focalizada, sem que, no entanto, no corpo do trabalho isso se revele, como em Wiesemann (1981):

> "O Dicionário é composto de palavras e expressões de todos os dialetos..."

Chega mesmo a haver o registro cuidadoso de vocábulos de uma das variedades da língua indígena em causa e a inclusão de alguns vocábulos usados em outras variedades da mesma língua[14]. De modo geral, porém, o tratamento dado às duas línguas não é o mesmo. Há a tendência a se privilegiar, em face da língua indígena objeto do dicionário, o português - habitualmente uma variante prestigiada do português. Ao mesmo tempo, não há um tratamento claro e consistente da variação que existe na língua indígena. Desse modo, não irá se observar no campo dos dicionários bilíngües que envolvem línguas indígenas aquilo que se viu nos dicionários bilíngües que tratam das línguas ocidentais. Não estão em jogo duas variantes prestigiadas de duas línguas. O dicionário também não reflete a extensão de uso de vocábulos e expressões como ocorreria se se tratasse de um dicionário de língua materna. No caso em questão, tem-se, de um lado, uma variedade prestigiada de português e, de outro, listagem de vocábulos e expressões de uma língua indígena.

A razão para que tal coisa aconteça pode ser encontrada no fato de que o autor do dicionário baseia seu trabalho, como já se viu em outra oportunidade, em uma análise fonológica e gramatical. Estudos sobre variação não são mencionados e, quando o são, é visando a estudos comparativos que lancem mão de termos cognatos. Não há, portanto, elementos para se ter um dicionário que reflita a ex-

Acervo ISA

tensão de usos lingüísticos de um dado grupo indígena nem que coloque lado a lado variantes prestigiadas de duas línguas. Cabe aqui ao autor selecionar o que irá constar do dicionário, e nem sempre a seleção, no que diz respeito às línguas indígenas, vai no mesmo sentido. Vocábulos e expressões podem ser omitidos, inseridos ou mesmo relacionados como equivalentes sem que fiquem claras para o leitor as razões de tal equivalência, como se pode constatar pelos exemplos abaixo, retirados de Wiesemann (1981):

Kavigvẽj, kygvẽj	sujo pl.[15]
jõgjoho, nhõnh	inchaço da cabeça
pẽnmẽn, pẽpẽv tĩ	'embriagar-se'

Escolha das entradas. Como regra geral observada nos dicionários de língua materna e nos dicionários bilíngües de línguas ocidentais, a entrada de um verbete se faz pela palavra, sendo que homônimos têm entradas diferentes, parônimos pedem remissão e a polissemia diz respeito a uma única entrada. Nos dicionários que envolvem língua indígena as coisas não se passam exatamente assim.

Em primeiro lugar, as palavras podem constituir entradas, mas, como a noção de palavra é algo controverso em línguas que não possuem tradição de escrita, as entradas podem ser constituídas de morfemas. Também pode ocorrer que mudanças morfofonêmicas e mudanças semânticas pesem na escolha da entrada[16].

Em segundo lugar, a questão da homonímia nem sempre é clara. É possível encontrar uma única entrada para prováveis homônimos, como se vê em Landin (1983),

Acervo ISA

'aka
1 (v.i.) ter
2 (a.) sozinho
3 (pron.) aquele

ako
1 (a.) muito junto
2 (s.) lugar para reunir-se
3 (v.i.) cair

yryt
1 (pron.) eu não
2 (v.i.) sing. chegar
3 (s.) remédio para mulher magra

assim como é possível se ter para homônimos entradas diferentes, como se tem em Emiri (1987):

AHU (1) = abr. de primèahu
AHU (2) = esp. de pena

ARA (1) = esp. de arara (Ara sp)
ARA (2) = sobre, em cima

Quando existe um tratamento da homonímia, a polissemia pode, em conseqüência disso, se tornar visível para o usuário, como acontece ainda em Emiri (1987):

PATA = (1) grande. (2) Adulto, velho, importante. (3) Yanomami mitológico, ancestral, antepassado.

No entanto, distinções entre homonímia e polissemia não são comuns. Assim como não é comum dar tratamento a parônimos. Mesmo porque a remissão não é um procedimento amplamente explorado[17].

Ainda com relação à escolha das entradas, diante da falta de uma norma a ser seguida, o autor pode optar não só por reunir homônimos em uma única entrada, mas também colocar em única entrada mais de uma forma, como em Wiesemann (1981):

-gan, kri gan enterrar, cobrir com terra

Acervo ISA

Nesse exemplo, a entrada contém duas formas. No dicionário em questão, entradas que contêm mais de uma forma são retomadas através de outras entradas - o que talvez constitua um substitutivo da remissão. E, no caso de formas alternantes em uma mesma entrada, o usuário sempre poderá recorrer ao Apêndice, local onde estão informações sobre fonologia, gramática, variação dialetal. Entretanto, em exemplos como o apresentado, não há retomada através de uma outra entrada, que seria Kri (cf. Kri, p. 51), e o manejo do Apêndice não supre aí a insuficiência de informação.

Constituição dos verbetes. Em função da forma assumida pelos dicionários, os verbetes são organizados de modo a não contarem com informações gramaticais. No que diz respeito às categorias lexicais, elas estão praticamente ausentes. A própria identificação de categorias lexicais em línguas indígenas tem sido um problema postergado ou então resolvido de maneira a atribuir rótulos a vocábulos - rótulos que não permitem a comparação segura entre línguas[18]. As classes, quando introduzidas nos dicionários, não fazem saber ao usuário como é a língua focalizada: um vocábulo, por exemplo, acaba sendo um substantivo ou um adjetivo em uma língua porque a sua tradução corresponde a um substantivo ou a um adjetivo em português; ou, então, vocábulos são declarados, devido às posições estruturais em que ocorrem, como pertencentes a uma determinada categoria, por exemplo, verbo, quando, utilizando-se outros critérios, poder-se-ia chegar à conclusão de que as posições que ocupam não integram predicados verbais. As categorias, quando

Acervo ISA

utilizadas, se tornam, portanto, vazias.

Como as categorias estão ausentes ou são vazias, não se pode observar nos verbetes a presença de expressões que neles tenham sido inseridas com base em categorias lexicais, isto é, elas não constituem um critério a ser utilizado.

Uma outra característiça a ser apontada é que, como o privilégio, nas entradas, tem pertencido aos morfemas, os verbetes podem conter informações quanto à classificação dos mesmos, chegando inclusive a haver categorização lexical de morfemas, como em Betts (1968),

- etun vth [verbo transitivo, classe h]: cheirar (cf. - ẹakwen).

Por fim, algo que merece registro quanto à organização dos verbetes é que, como há a possibilidade de o dicionário não conter qualquer informação relativa às características da língua indígena focalizada (tudo vai para o Apêndice), os verbetes de um dicionário bilíngüe que envolve língua indígena podem conter, além da entrada, a listagem, na outra língua - que no caso é o português -, de no máximo uns poucos vocábulos que servem como traduções para a entrada. O consultor do dicionário não tem aí noção exata dos campos de significado recobertos por um dado vocábulo, já que não existem propriamente definições e a sinonímia é reduzida. E os verbetes, que comumente são tidos como conjuntos de acepções e exemplos referentes a um vocábulo, chegam a desaparecer enquanto tal.

Acervo ISA

Na esfera dos dicionários que envolvem línguas indígenas, a íntima relação existente entre a concepção que se tem do usuário e a configuração assumida pelo próprio dicionário leva, como vimos, à ausência de um padrão. A essa ausência junta-se uma outra característica: os dicionários existentes para as línguas indígenas brasileiras, ao serem confrontados com outros conjuntos de dicionários, passam a constituir um mundo à parte, muito distante e muito diferente naquilo que um dicionário deve ser capaz de refletir em termos do léxico de uma língua.

Acervo ISA

3 - Uma proposta de dicionarização

Na proposta de dicionarização que apresentamos, coloca-se como fundamental a participação dos Tikuna, quer durante o trabalho de levantamento e seleção das fontes, agrupamento e classificação de vocábulos e expressões, quer durante o processo de escolha de entradas e organização dos verbetes. A razão de tal colocação se encontra, a nosso ver, no fato de que a manipulação de um dado produto cultural por aqueles que serão seus usuários depende, em grande parte, do quanto de envolvimento uma dada sociedade tem com a ação da qual resultará o produto em questão. Em sociedades em que o saber é especializado, delegar a alguns a tarefa de dar forma a algo que nem todos têm competência reconhecida para realizar e de que todos poderão usufruir, não costuma afetar o sentimento comum de que o que foi realizado é aquisição do grupo. Em sociedades em que não há uma compartimentação do saber ou em que essa compartimentação apenas recentemente começou a se fazer sentir com a introdução, por força de uma dada situação histórica, de uma área de saber especializado[19], não parece fácil aliar o próprio saber especializado ao sentimento comum de aquisição de produtos culturais pelo grupo, sobretudo quando o saber que realiza vem de fora do grupo. Nesse último caso, o produto cultural obtido permanece como um dado externo para aqueles que, em princípio, deveriam manipulá-lo. No que diz respeito especificamente à existência, dentro de um grupo indígena, de um dicionário - um dado cultural externo de per si -, acreditamos que a manipulação efetiva desse dicionário dar-se-á na medida em que houver uma integra -

Acervo ISA

ção entre o dicionário produzido e aspectos da vida do grupo indígena em causa. Tal integração, por sua vez, não será alcançada através de uma ação que fala de, e sim de uma ação que fala com. Fica, assim, excluída a concepção de um dicionário bilíngüe que seja produto acabado, peça material resultante do esforço de um estudioso que doa parte do seu conhecimento sistematizado a um certo grupo indígena. E, como a integração pretendida está associada a uma ação que fala com, a atenção aqui se desloca do dicionário enquanto produto para o dicionário concebido como resultado de um processo, conferindo-se ao processo tanta importância quanto ao resultado, razão pela qual no presente projeto falamos de dicionarização e não propriamente em dicionário.

Trazendo a proposta de dicionarização para o espaço de um grupo indígena determinado, os índios Tikuna, torna-se necessário, em primeiro lugar, delimitar o âmbito da ação que fala com e, ao mesmo tempo, discriminar as possibilidades de participação real dos índios em questão.

A ação aqui visualizada comporta, como já dissemos, a atuação de mais de uma pessoa. Entre as pessoas que podem envolver-se nessa ação estão aquelas que vêm desenvolvendo pesquisas junto aos Tikuna, aquelas que, em função da sua especialização em determinada área de conhecimento, podem vir a colaborar e os próprios Tikuna. Tais pessoas poderão atuar de maneira integrada, sendo que os seus campos de atuação não necessitam estar rigidamente demarcados; ao contrário, espera-se mesmo que a sua atuação não seja estanque e que propicie uma interpenetração de conhecimentos. Como no presente projeto está em jogo a questão

Acervo ISA

da língua (e pouca diferença faz aqui que seja uma ou que sejam duas ou mais línguas) e como a língua é o lugar por onde passa toda a cultura de um povo, é nela que os sentidos se respondem, se opõem, se entrelaçam, ecoando entre palavras, expressões e textos. E se em um dicionário, entendido agora como o local que abriga, além da listagem de signos já construídos, a referência a regularidades lexicais e também correspondências, nele não fica de fora a relação de sentido[20] entre formas e, não cabe, portanto, esperar que as pessoas que irão se envolver na sua elaboração tenham sua participação limitada ao levantamento e à entrega de um inventário de signos relativos à sua área de conhecimento. O que se espera das pessoas que irão participar é que, voltadas para textos na língua Tikuna, elas possam identificar, agrupar formas e defini-las de acordo com a relação de sentido que elas guardam entre si. Como exemplo concreto de como uma participação nesses termos pode se viabilizar, vamos tomar aqui a atuação do lingüista, ela própria ligada à atuação de outras pessoas.

O lingüista, enquanto lingüista, não será um fornecedor de critérios e categorias prévias para a acomodação de fatos da língua a um modelo teórico. Um de seus papéis será o de operar com alguns princípios que, integrando a teoria lingüística em suas versões mais recentes, são resultantes de investigação relativa a uma boa parcela de línguas naturais, dessa parcela não estando excluídas as chamadas línguas indígenas. Entre tais princípios estão aqueles que dizem respeito diretamente à constituição do léxico de uma língua, quais sejam:

a) no léxico há signos, no sentido saussureano do termo,

Acervo ISA

e o morfema, enquanto unidade significativa mínima, não deve ser igualado ao signo, uma vez que nas línguas naturais há morfemas desprovidos de significado; o signo, nas línguas naturais, tende para a palavra;

b) no léxico há formações regulares e formações cristalizadas, nele coexistindo vários estágios de não-regularidade, isto é, vários estágios que se situam entre a completa regularidade e o total distanciamento entre o significado ou uso de uma palavra e o significado ou uso das partes que morfologicamente a constituem;

c) no léxico estão disseminadas situações naturais de metáfora e extensão de sentido;

d) o léxico possui um papel fundamental para o entendimento das relações gramaticais presentes em uma língua, na medida em que itens lexicais, associados a papéis semânticos, impõem uma determinada estrutura dos argumentos e na medida em que itens lexicais possuem traços que permitem uma distinção dentro de um grupo de itens formadores de predicado e dentro de um grupo de itens relacionados à atribuição de papel sintático.

Operar com os princípios acima já significa romper com o monólogo do lingüista, isto é, significa introduzir entre o lingüista e seus dados outros pontos de vista. Um exame, mesmo que superficial, do que foi acima relacionado pode servir à demonstração de que o diálogo é necessário.

Comecemos pelo primeiro tópico, o de que, no léxico, o

Acervo ISA

signo tende para a palavra. É fato bastante conhecido o não se poder identificar, em línguas sem uma tradição de escrita, palavras com base em um único critério. Há uma série de critérios: a visão da palavra como unidade de sentido; a utilização de pausa potencial; a concepção de que as palavras são as menores unidades em uma língua que podem ser usadas sozinhas como uma sentença; a identificação da palavra em termos de unidade mínima de mobilidade posicional; a concepção de que as palavras são unidades que têm uma estrutura interna fixa, isto é, possuem uma estabilidade interna. Qual dentre esses critérios deve ser selecionado ou quais dentre eles devem ser conjugados sempre foi um problema que se apresentou para o lingüista cada vez que ele se defrontou unicamente com a realidade oral. Como palavras são, apesar da dificuldade existente quanto à sua definição, facilmente reconhecíveis, o lingüista, se quiser trabalhar com palavras cuja identificação não seja fruto da manipulação de um critério simplificador[21], terá que situar a sua análise ao nível não da identificação unilateral, mas do reconhecimento. Reconhecer palavras é algo sabidamente fácil para falantes nativos: elas são unidades lingüísticas básicas e reconhecê-las, inclusive sem a mediação da escrita, não constitui um problema para quem intuitivamente lida com elas. O reconhecimento de unidades através da intuição chama aqui um outro ator. Entre o lingüista e os dados, coloca-se o falante nativo. E o dicionário,produto cultural no qual lidar-se-á com palavras - e através delas com a questão permanente não só do que é palavra, mas também da distinção entre palavras e das formas assumidas

Acervo ISA

por uma mesma palavra -, passa necessariamente a contar, para a sua elaboração, com mais de uma ótica lingüística.

O segundo tópico diz respeito às formas cristalizadas e às formas regulares, aos estágios de não-regularidade existentes no léxico de uma língua. Pequenas sub-regularidades, pequenos desvios ou mesmo a total irregularidade no tocante à conexão entre o significado ou uso de uma palavra e o significado ou uso de suas partes constituintes pedem, novamente, a presença de mais de uma ótica lingüística. Entretanto, aqui, a questão começa a se refinar. Com relação às palavras que, construídas de vários elementos, apresentam uma modificação semântica sem que suas partes se alterem morfologicamente, o pequeno desvio ou a total falta de vínculo entre o significado global dessas palavras e a sua caracterização morfológica faz com que o léxico abrigue palavras com histórias diferentes[22], isto é, que no léxico estejam contidas palavras que, semantica e morfologicamente, apontam para o que lingüisticamente aconteceu, da mesma forma que há palavras que, devido à regularidade exibida, apontam para o que lingüisticamente está acontecendo e pode ainda acontecer. O léxico de uma língua é, portanto, um lugar onde está parte da história lingüística. Ao mesmo tempo, ele é o lugar onde se encontram história lingüistica e mudanças que atingiram ou estão atingindo o grupo de falantes da língua: a evolução semântica observada nas palavras e que leva a um descompasso entre significado global e caracterização morfológica está comumente relacionada a alterações, fortuitas ou não, ocorridas fora do âmbito da língua, mas que a língua reflete. O

Acervo ISA

que o léxico de uma língua nos diz a respeito de formas cristalizadas e formas regulares possui repercussões no momento da elaboração de um dicionário. Nesse podem estar contidas e relacionadas formas pertencentes a diferentes estágios de não-regularidade, já que verbetes admitem em sua organização não só a definição de vocábulos, mas também a decomposição morfológica. O grau de conexão entre significado global e significado das partes pode ser daí inferido - e, com ele, o quanto de irregularidade possui o léxico de uma determinada língua e o quanto nele se mesclam fatores de ordem lingüística e extralingüística. No trabalho, porém, de levar a um dicionário o que se passa no léxico com respeito a estágios de não-regularidade não basta a presença do lingüista e do falante nativo. Devido à confluência apontada entre o lingüístico e o que ultrapassa o lingüístico mas nele se reflete, apresenta-se a necessidade de se lidar com as condições de vida do grupo de falantes da língua objeto do dicionário. Tais condições, temporal e espacialmente localizadas, abrangem áreas de atividade e interação social e para que nelas possam ser detectados e assinalados significados e usos específicos de palavras (sendo esses significados e usos posteriormente cotejados com a constituição morfológica das palavras), a presença de pessoas cuja reflexão esteja voltada para o que é parte daquelas condições torna-se indispensável. Em outros termos, impõe-se a presença de outros atores além do lingüista e do falante nativo para a elaboração de um dicionário que atenda ao que é uma das características do léxico.

Uma outra característica do léxico - a de situações natu-

Acervo ISA

rais de metáfora e extensão de sentido - também apóia a introdução de outros atores, ao lado do lingüista e do falante nativo, para a elaboração de um dicionário.

A metáfora e a extensão de sentido já foram arroladas (ao lado do estreitamento de sentido, da metonímia, da sinédoque, da hipérbole, da litotes, da degeneração e elevação de sentido) como tipos de mudança de significado[23]. No entanto, observando-se as manifestações lingüísticas de um ponto de vista sincrônico, não há como sustentar a existência exclusiva de domínios unitários de sentido. Sincronicamente, palavras podem ser consideradas como possuindo um significado central a que vem se juntar, de maneira nem sempre precisa, uma gama de significados entre os quais aqueles que se relacionam ao significado central via metáfora ou extensão de sentido (ou ainda via metonímia, sinédoque, etc). Metáforas e extensões de sentido, assim como outros relacionamentos mantidos entre significados de uma palavra, não são apenas alterações semânticas introduzidas no léxico ao longo de um eixo temporal (eixo diacrônico). São possibilidades semânticas que têm estado presentes em qualquer momento particular de uma língua e que encontram sua explicação em modelos conceptuais culturalmente inseridos.

Tendo em vista a elaboração de um dicionário, a existência no léxico de uma língua de relacionamento entre significados, como aqueles obtidos mediante metáforas e extensões de sentido, é um fato que aponta para o concurso de pessoas que possam lidar com elementos do universo cultural do grupo falante da língua objeto do dicionário. Afinal, relacionamentos entre signi-

Acervo ISA

ficados não se dão no abstrato (são culturalmente inseridos) nem são dependentes de um suposto mecanismo que opera apenas no interior da língua. Assim, mais uma vez, se se quiser ver em um dicionário refletida uma característica do léxico, há que se admitir, como base constituinte, um diálogo que não se restrinja ao lingüista e ao falante nativo, mas que englobe todos aqueles que estejam aptos a lidar com um dado universo cultural.

Como quarto tópico referente ao léxico, colocamos o entendimento das relações gramaticais. À primeira vista, estaríamos aqui em um campo estritamente lingüístico, em que seria suficiente, para se chegar à representação, no léxico, de aspectos gramaticais, haver um lingüista com o seu conjunto de dados. No entanto, o próprio tratamento das relações gramaticais já não é mais feito de maneira inteiramente autônoma. Por exemplo, é possível isolar, através de traços de itens lexicais, construções passivas (nessas certos verbos recebem um afixo apassivizador), verbos que levam a alçamento de sujeito (isto é, verbos que tomam como argumento um constituinte ele próprio capaz estabelecer regência em uma dada estrutura gramatical), verbos não-acusativos (verbos que não tomam objetos sintáticos, mas que possuem objetos lógicos) e verbos impessoais. Também é possível dividir, por meio de traços de itens lexicais, os verbos em transitivos e intransitivos. No entanto, itens lexicais se encontram associados a papéis semânticos, e é por força dessa associação que interrelações semânticas interferem no nível das relações gramaticais. Assim é que se

Acervo ISA

subdivisões entre verbos podem ser alcançadas mediante a utilização de traços lexicais, não é menos verdadeiro que teorias sintáticas incorporaram os papéis semânticos de modo não só a poder conectá-los com o significado dos verbos, mas também de modo a se ter certos papéis implicados na semântica dos próprios verbos.

A semântica própria de um verbo está ligada a uma estrutura de argumentos, e os papéis semânticos que não são inerentes ao verbo passam a ser considerados adverbiais (oblíquos), uma vez que não é determinado pelo núcleo da oração o efeito semântico que podem ter sobre a oração os constituintes que portam tais papéis. Papéis semânticos podem ser vistos ainda como resultantes de atribuição feita não só por itens lexicais (verbos, preposições, nomes, adjetivos), mas também por predicados, marcas de caso, posições estruturais. No que diz respeito especificamente à semântica de itens lexicais, a postulação de papéis reveste-se de uma importância muito grande, na medida em que noções relevantes para a sintaxe são dependentes dessa postulação. Por exemplo, a noção de objeto lógico[24] é um caso em que tal dependência se explicita: objeto lógico é o constituinte que serve como argumento e recebe papel semântico de um verbo. E, fora da semântica de itens lexicais, também é possível encontrar noções dependentes de papel semântico, como é o caso da noção sujeito lógico[25], cuja definição implica a existência de um constituinte que sirva como argumento e receba papel semântico de um predicado. Com isso, vê-se a questão dos papéis semânticos permear toda a sintaxe, saindo inclusive do âmbito do léxico (lembramos que predicados não

Acervo ISA

são itens lexicais e, por isso, não possuem entradas lexicais).

Na esfera do léxico e com relação a subdivisões realizadas entre itens lexicais com base em traços lexicais, mencionamos a incorporação de papéis semânticos à semântica de determinados itens (os verbos). O quanto tal incorporação repercute sobre uma área em que se poderia crer em puras relações gramaticais pode ser verificado através das noções objeto lógico e sujeito lógico, igualmente mencionadas. Tais noções servem como sustentação para a separação operada dentro de um grupo de itens lexicais, porque rotulações feitas a partir delas passam a integrar um conjunto de traços lexicais, os quais, por sua vez, fundamentam a separação operada dentro de uma classe de itens. Por exemplo, se voltarmos aos verbos, veremos que as construções passivas podem ser vistas como distintas das demais porque nelas se tem um verbo recebendo um afixo - um afixo sem estrutura de argumento ou sem propriedades que atribuam papel semântico - que carrega o traço [-sujeito lógico]. Ainda com relação a verbos, podemos ver isolados os verbos que levam a alçamento de sujeito em função de serem eles possuidores dos traços [-transitivo] e [-sujeito lógico] [26]. Ou podemos mesmo ver os verbos não-acusativos serem assim considerados porque, admitindo, o traço [+objeto lógico] , possuem, porém, o traço [-sujeito lógico], o que os faz participar de construções que não apresentam objeto sintático, embora para elas se possa encontrar um objeto lógico. As noções objeto lógico e sujeito lógico, dependentes, como já dissemos, da postulação de papéis semânticos, fornecem, portanto, uma base indispensável para a sub

Acervo ISA

categorização dentro de uma determinada categoria lexical, os verbos. E a dependência que essas noções têm com relação a papéis semânticos evidencia, no terreno das relações gramaticais, o quanto a sintaxe se tornou ela própria dependente da semântica.

No que diz respeito ao léxico, parece bastante evidente que, ao se lidar nele com traços que estão relacionados à semântica e que possuem repercurssão ao nível sintático, lida-se na realidade com o problema da categorização. A partir do reconhecimento de que categorias e processos gramaticais não podem ser isolados dos papéis semânticos, tornou-se relevante, na sintaxe, tecer indagações sobre o que é uma categoria gramatical, sobre a sua estruturação e sobre o tipo de informação por ela veiculada. Olhar para as categorias tomando-se como referência indagações como essas significa redimensionar a sintaxe, e no âmbito do léxico significa sacudi-lo pela base, já que nele categorias sempre foram fundamentais.

No léxico, relações gramaticais e categorias são, pelo que vimos, indissociáveis. O léxico é básico para o entendimento de relações gramaticais e essas não podem ser estabelecidas sem categorias. E tanto relações gramaticais quanto categorias, pelo que também vimos, não podem ser isoladas da semântica. A semântica, por sua vez, não é um bloco monolítico, e o tipo de semântica que levou a sintaxe à incorporação de papéis semânticos é aquele que caminhou da preocupação com o significado da sentença enquanto passível de representação em um marcador frasal para a preocupação com o significado relativizável a cenas conceptuais (incluído aí o significado da sentença)[27]. Nessa

Acervo ISA

caminhada, a questão da categorização - fundamental para o léxico, indissociável das relações gramaticais - é um ponto crucial, na medida em que as categorias não são mais tidas como prévias, não são mais imediatamente recortáveis a partir de critérios formais nem são mais possuidoras de propriedades equivalentes. As categorias aqui estão ligadas a modelos conceptuais, o que vale situá-las dentro de uma determinada ótica lingüística, ligada a uma determinada maneira de codificar a experiência. E mesmo uma sintaxe que não siga as preocupações desse tipo de semântica (como é o caso da sintaxe gerativa, preocupada com as relações lógicas entre constituintes para a interpretação semântica das sentenças), de qualquer forma lida, ao incorporar os papéis semânticos, com a questão da categorização, porque papéis semânticos não integram um repertório fechado e acabam sendo remetidos a uma dada ótica lingüística, a uma dada codificação da experiência.

De qualquer ponto de vista que se olhe para o léxico, no momento vivido atualmente pela lingüística, encontra-se, para a representação de aspectos gramaticais, a associação desses à categorização e a ligação dessa última à codificação da experiência por um dado conjunto de falantes. Diante disso, não é difícil entender porque, para a elaboração de um dicionário que reflita aspectos do léxico de uma língua, não se concebe mais haver apenas um lingüista com o seu conjunto de dados ou mesmo um lingüista e seus dados mais os dados justapostos de eventuais colaboradores.

Os quatro tópicos aqui abordados com referência ao léxico passam todos pela necessidade do diálogo entre aqueles que vão

Acervo ISA

se tornar os agentes de um processo de dicionarização, processo que deve conduzir à elaboração de um dicionário.

No caso específico de grupo Tikuna, a participação dos falantes nativos pode-se dar, devido ao processo que já vêm vivendo com relação a uma reflexão sobre a língua, em mais de um nível:

a) o nível da produção e coleta de textos;

b) o nível da classificação dos textos de acordo não só com a sua procedência (procedência geográfica, por nação), mas também classificação de acordo com o lugar social de onde fala o produtor do texto e classificação que leve os falantes a operarem com seus próprios conceitos de gênero verbal e domínio cultural;

c) o nível do reconhecimento, a partir do texto oral, de palavras e expressões;

d) o nível do trabalho com os sentidos - sentidos congregados pelas palavras e grau de relacionamento dos sentidos existentes em uma palavra;

e) o nível do trabalho com todos semânticos relacionados a estruturas maiores do que a palavra, trabalho durante o qual podem vir a ser articulados papéis semânticos e papéis sintáticos;

f) o nível da categorização da altura, em que palavras podem ser relacionadas a partir dos padrões tonais por elas portados;

g) o nível da transcrição dos textos, em que se pode verificar se as categorias estabelecidas a partir do

Acervo ISA

texto oral sofrem modificações ao serem mediadas pela escrita;

h) o nível de estruturação do dicionário e estruturação dos verbetes.

Uma breve observação se faz necessária. A categorização da altura na língua Tikuna (uma língua tonal) é algo que já vem sendo alcançado por alguns Tikuna em seu trabalho com a língua. Uma flauta de Pã foi construída em janeiro de 1986 na aldeia Campo Alegre e conta até o momento com cinco tubos de comprimento decrescente correspondentes a cinco culturas fonéticas atribuíveis às sílabas. Por meio dela, palavras têm sido agrupadas conforme padrões tonais. Para a elaboração de um dicionário que envolve uma língua tonal, trabalhar com a categorização da altura é uma oportunidade rara e bastante promissora, já que existe a possibilidade de virem a ser constituídas entradas sonoras. Tais entradas serão capazes de, no plano daquilo que é matéria sonora, estabelecer correspondências entre palavras e, com isso, serão capazes de contribuir para a existência de um dicionário concebido como o local, sobretudo da visualização de regularidades lexicais e de correspondências.

À participação dos falantes nativos alia-se a atividade do lingüista, delineada ao tratarmos de características do léxico que podem se refletir na confecção de um dicionário. A participação de outras pessoas integra-se, por razões já apresentadas, ao que vem a ser a atividade do lingüista e do falante nativo. Como as atividades estão aqui interligadas, o que chamamos de ação que fala com tem o seu âmbito coincidente com

Acervo ISA

a própria ligação existente entre os vários ângulos por que podem ser olhadas as palavras e os sentidos por elas veiculados.

Ainda dentro da proposta de dicionarização para a língua Tikuna, uma vez explicitado o que consideramos ação que fala com e o que poderá ser a participação efetiva dos falantes nativos, cabe fazer algumas colocações sobre o âmbito do próprio dicionário a ser elaborado.

No painel traçado em 1, quando esboçamos o perfil do dicionário de língua materna e o do dicionário bilíngüe, evidenciou-se o fato de que os dicionários bilíngües de línguas ocidentais tomam o dicionário - tipo de língua materna como um modelo que temina por ser atualizado de maneira mais restrita. Para os dicionários que envolvem línguas indígenas, ficou clara a ausência de um padrão a ser seguido, havendo variações na forma do dicionário, na seleção dos vocábulos, na escolha das entradas, na constituição dos verbetes. O modo como está sendo concebida a participação dos falantes Tikuna na elaboração de um dicionário - modo diverso daquele que predomina no cenário desse tipo de produção para línguas indígenas - faz com que, do processo de dicionarização, venha a resultar um dicionário de âmbito maior do que o habitualmente encontrado na esfera das línguas indígenas. No dicionário a ser elaborado, devido às concepções a ele sujacentes, será possível haver:

a) definições;

b) tratamento de categorias;

c) tratamento da variação nos usos lingüísticos;

d) tratamento de aspectos gramaticais;

Acervo ISA

e) tratamento da homonímia, polissemia e paronímia;

f) cuidado com a sinonímia;

g) cuidado com a pronúncia;

Como o dicionário em questão está sendo entendido como o lugar que acolhe, além de listas de signos já construídos, a possibilidade de visualização das regularidades lexicais e de estabelecimento de correspondências, ele comporta uma subdivisão que dê lugar a três tipos de correspondência:

1) a correspondência entre sentidos;

2) a correspondência entre formas;

3) a correspondência estabelecida a partir do material sonoro.

Ao primeiro tipo de correspondência, pertencem, por exemplo, a sinonímia e a metáfora. No segundo, estão as formas que, por integrarem determinados domínios culturais, se correlacionam umas com as outras. No terceiro, são as formas que possuem determinados padrões tonais que estabelecem ecos entre si.

Muito embora não haja para o dicionário a ser elaborado o objetivo de abonar palavras e nem, evidentemente, a possibilidade de vinculação a uma tradição de lexicografia constituída junto à autoridade de Academias, a amplitude do processo de dicionarização prevê um tratamento lingüístico que aproxima o dicionário a ser produzido dos dicionários de língua materna. Tal amplitude, porém, não exclui a produção, dentro do processo de dicionarização, de um dicionário bilíngüe. Toda uma extensa produção de dicionários bilíngües tem demonstrado que os considerados bons dicionários bilíngües estão apoiados em di -

Acervo ISA

cionários de língua materna. E, se para uma língua indígena, como é o caso do Tikuna, não há dicionário de língua materna, um processo de dicionarização que tenha o alcance necessário à produção de um dicionário de língua materna certamente poderá conduzir a um bom dicionário bilíngüe.

Por fim, a amplitude do processo de dicionarização não está ligada a uma morosidade na apresentação de resultados. Resultados podem vir a ser apresentados paulatinamente, à medida que o trabalho prosseguir, porque o dicionário pode tomar a forma de fascículos. Sob tal forma, o dicionário tornar-se-á mais facilmente manipulável e poderá cumprir, dentro da sociedade Tikuna, o papel que lhe destinarem os próprios Tikuna, sem que haja, entre a atividade desenvolvida e o que essa atividade é capaz de concretizar, um longo espaço de tempo.

4 - Proposta de atividades (2º semestre de 1988/1º semestre de 1989)

	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
1. Levantamento dos textos Tikuna orais já produzidos	X	X										
2. Classificação dos textos pelos falantes nativos		X										
3. Passagem dos textos orais para a escrita		X	X	X								
4. Transcrição fonética dos textos		X	X	X								
5. Estudo dos textos (colaboradores e falantes nativos)				X	X	X	X					
6. Organização e processamento do material							X	X	X			
7. Preparação do 1º fascículo										X	X	
8. Coleta de novos textos orais		X			X							X

Acervo ISA

5 - Notas

[1]Para verificar a afirmação feita, basta um exame, mesmo que superficial, de qualquer dicionário de língua materna.

[2]Cf. Ferreira (1975: VII). O grifo é nosso.

[3]Cf. Prefácio ao mencionado Diccionario de la lengua castellana.

[4]Cf. The New Michaelis. Illustrated dictionary, 1975: VIII.

[5]Cf. o prefácio de Wiesemann (1981).

[6]Cf. Landin (1983: 3)

[7]Cf. Emiri (1987: 10).

[8]Cf. Landin (1983: 3). O grifo é nosso.

[9]Cf. o prefácio de Wiesemann (1981). O grifo é nosso.

[10]A título de ilustração, reproduzimos aqui um trecho encontrado em Barbosa (1951: 5):

> "De há tempo venho recebendo convites e insinuações para publicar um vocabulário tupi de feitio popular, que proporcione ao leitor, de cultura não especializada, informações seguras sobre aquela língua indígena, falada outrora em grande extensão do território nacional e que tanto contribui para o vocabulário e para a toponímia brasileiras. Não que tenha crescido o interesse científico pelo estudo do tupi. O que há, sim, é um bom número de curiosos e amadores, que buscam no tupi um nome para o seu filho, para o seu sítio, para o seu edifício ou ... para os seus animais! Também municípios, que surgem de tempos a tempos, batizam-se em tupi. Neste sentido tenho consultas dos

Acervo ISA

estados e até dos países platinos.
Ora, não há um só vocabulário tupi, dos até aqui publicados, que possa servir a essa finalidade. O Vocabulário na Língua Brasílica, quinhentista, importantíssimo, é apenas português-tupi, não se sabendo até hoje se existe ou existiu o seu irmão tupi-português. O Dicionário da Língua Tupi, de Gonçalves Dias, mistura vozes de várias procedências e épocas, e está inçado de erros. Dos mesmos males sofre o reverso do Dicionário Português-Brasiliano, que além do mais não obedece a plano algum: os verbos, p. ex., ora figuram com prefixos pessoais ora sem eles, donde grande confusão na disposição alfabética.
Resultado da falta de material autêntico tupi, os interessados recorrem a dicionários dos dialetos guarani ou nheengatu, escritos quase todos por diletantes ou entusiastas sem nenhum preparo lingüístico. Eis a razão porque vemos pelo Brasil a fora nomes "tupis" de cidades, edifícios, navios, etc. que os mais argutos estudiosos não sabem explicar."

[11]Cf. Landin (1983: 123).

[12]Essa lista de tópicos serviu, por exemplo, a Landin (1983).

[13]Ver prefácio em Wiesemann (1981).

[14]Ver a propósito Emiri (1987).

[15]Esse tipo de equivalência é comum em Wiesemann (1981).

[16]Cf. Betts (1981).

[17]Fugindo à regra geral de não se explorar a remissão, está Betts (1981).

[18]Em princípio, a comparação segura entre línguas só se dá a partir da utilização de uma mesma perspectiva teórica.

Acervo ISA

[19]Pensamos aqui na existência de professores indígenas.

[20]Estão incluídos aí, por exemplo, os casos de polissemia, sinonímia, antonímia, hiponímia e paráfrase.

[21]Um critério simplificador, por exemplo, seria trabalhar com o conceito bloomfieldiano de palavra.

[22]Não se confunda aqui a afirmação de que o léxico possui palavras com histórias diferentes com a visão neogramática da mudança de significado, na qual o processo de mudança é visto como uma aventura de formas individualmente consideradas, sem referência a formas rivais.

[23]Cf. Bloomfield (1933: 426-427).

[24]Cf. Marantz (1984).

[25]Ver nota 24. Note-se que a noção sujeito lógico, de definição obtida fora do léxico, torna-se, através da utilização de traços lexicais, pertinente ao léxico.

[26]Ver nota 24.

[27]Ver trabalhos de Fillmore, relacionados na bibliografia.

Acervo ISA

6 - Bibliografia

ANDERSON, L. Vocabulario breve del idioma Ticuna. Separata de Tradicion, Revista Peruana de Cultura, año VIII, nº 21, Cuzco, 1958.

AUGÉ, C. & AUGÉ, P. Larousse de poche. Paris, Libraire Larousse, 1912.

BARBOSA, A. Lemos. Pequeno vocabulário Tupi-português. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1951.

_____. O "Vocabulário na Língua Brasílica". Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. Rio de Janeiro, Ática, 1987.

BETTS, LaVera D. Dicionário Parintintín-português, português - Parintintín. Brasília, S.I.L., 1981

BLOOMFIELD, L. Language. London, George Allen & Unwin Ltda, 1933.

BURTIN-VINHOLES, S. Dicionário francês-português, português-francês. Porto Alegre, Globo, 1953.

CHOMSKY, N. Lectures on government and binding. Dordrecht, Foris Publications, 1981.

CROFTS, Marjorie et al. Dicionário bilíngüe em português e Mundurukú. S.I.L., Brasília, 1981.

Acervo ISA

DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA. Madrid, Real Académia Española, 1726. No Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro.

DICIONÁRIOS "ACADÊMICOS" ALEMÃO-PORTUGUÊS. Porto, Porto Editora Ltda, 1981.

DOOLEY, R.A. Vocabulário do Guarani. Vocabulário básico do Guarani contemporâneo (dialeto Mbüa do Brasil). S.I.L., Brasília, 1982.

EMIRI, Loretta. Dicionário Yãnomamê-português (dialeto Wakatautheri). Boa Vista, Edições CPI/RR, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975.

FILLMORE, C.J. The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R. (eds.). Universals in linguistic theory. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.

_____. Topics in lexical semantics. In: COLE, R. (ed.). Current issues in linguistic theory. Bloomington: Indiana University Press, 1976.

_____. The case for case reopened. In: COLE, P. & SADOCK, J. (eds.). Syntax and Semantics, vol. 8: Grammatical Relations. New York: Academic Press, 1977.

GIORDANO, Carlos & YURKIEVICH, Saul. Dictionnaire français-espagnol, espagnol-français. London and Glasgow, Willian

Acervo ISA

Collins Sons & Co Ltda, 1980, 1983.

HORNBY, A.S. et alii. Oxford advanced learner's dictionary of current English. London, Oxford University Press, 1974.

LAKOFF, George. Categories and cognitive models. Cognitive Science Program, University of California at Berkeley, November, 1982.

LANDIN, D. Dicionário e léxico Karitiâna-português. Brasília, S.I.L., 1983.

MARANTZ, A. On the nature of grammatical relations. Cambridge, The MIT Press, 1984.

PALMER, F.R. Semantics, a new outline. London, Cambridge University Press, 1976.

ROWAN, O. & ROWAN, P. Dicionário Parecis-português, português-Parecis. Brasília, S.I.L., 1978.

SAMPAIO, T. O Tupi na Geografia Nacional. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia 54: 1-400, 1928.

THE NEW MICHAELIS, ILLUSTRATED DICTIONARY. São Paulo - Wiesbaden, Edições Melhoramentos - F. A. Brockhaus, 1975.

TOCHTROP, Leonardo. Dicionário alemão-português. Porto Alegre, Editora Globo, 1968.

VALFLORIANA, Frei Mansueto Barcatta de. Dicionários Kainjgang-Português e Português-Kainjgang. Revista do Museu Paulista

Acervo ISA

12: 1-381, 1920.

WHEATLEY, Y. Vocabulário Bakairí-português, português-Bakairí. Brasília, S.I.L., 1978.

WIESEMANN, U. Dicionário Kaingáng-português, português-Kaingáng. S.I.L., Brasília, 1981.